
A Casa Sem CEP¹

Alexsandro Funck RAMIRES²

Nancy Verónica Bazán VIANNA³

Centro Universitário Metodista IPA, Porto Alegre, RS

RESUMO

Contar as histórias das casas criadas e habitadas por moradores em situação de rua da cidade de Porto Alegre foi o grande propósito do projeto A Casa Sem CEP. Os episódios da websérie e as fotografias foram realizadas por meio de celulares e câmeras e divulgadas em diversas plataformas gerando conteúdo audiovisual. Participaram alunos dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda do IPA, sob a direção do professor que criou o projeto. O trabalho de criação das narrativas episódicas foi imersivo narrativo, com tratamento e linguagem imagética documental. O projeto instigou um olhar atento, sensível e cidadão sobre um grave problema social. A perspectiva transmidiática promoveu sua expansão interdisciplinar, surgindo como um fio condutor de interação e integração entre várias disciplinas dos cursos de Comunicação Social do IPA.

PALAVRAS-CHAVE: fotojornalismo; comunicação multimídia; audiovisual; documentário; moradores de rua.

INTRODUÇÃO

O projeto A Casa Sem CEP foi um recorte do tempo, um retrato de uma situação crítica e desastrosa pelas quais passam milhares de moradores em situação de rua nas grandes cidades e, especialmente, em Porto Alegre. Abandonados à própria sorte e carentes de programas sociais, de projetos de governo e de estado, são pessoas cujo

¹ Trabalho a ser apresentado na DT 5 – Comunicação Multimídia do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, a ser realizado entre os dias 20 a 22 de junho de 2019.

² Mestre em Design, professor de fotografia nos cursos de Comunicação Social do IPA, mentor e diretor criativo do projeto A Casa Sem CEP. E-mail alexramirez.profe@gmail.com.

³ Professora nos cursos de Comunicação Social do IPA, colaboradora do projeto.

destino tornou-se uma incógnita. São pequenas histórias contadas pelos protagonistas intérpretes de sua própria história.

O projeto nasceu da constatação do grande aumento no número de pessoas em situação de rua na cidade de Porto Alegre/RS. Percepção empírica decorrente da observação cotidiana que vem sendo corroborada pela profusão de matérias nos principais meios de comunicação da cidade referentes à temática. No entanto, essa reconhecível hipervisibilidade midiática dada ao problema da falta de moradia para essas pessoas não parece resultar em representatividade e/ou no resgate da cidadania para esses indivíduos. Em relação a tal situação chamou-nos a atenção algo que não vem sendo explorado nas matérias sobre a temática, o reconhecimento de uma condição/ação assumida por alguns desses indivíduos – a construção de casas com os mais variados materiais e formatos, que estabelecem a tentativa de uma residência fixa e um endereço informal, as casas sem CEP, que os transformam em habitantes de ruas e bairros. A constituição desses espaços nos parece muito significativa uma vez que a ideia de casa está associada afetivamente ao conceito de lar e socialmente ao conceito de cidadania, uma vez que a falta de um endereço fixo ou a falta de um CEP impossibilita, por exemplo, o acesso a um emprego formal. Esses indivíduos rompem assim com o imaginário do andarilho, que vaga pelas ruas e dorme em qualquer lugar. Percebemos assim que, ao contrário do que é inferido pelo senso comum, até mesmo na condição extrema da situação de rua existem diferentes níveis, situações e identidades.

A consciência e o incomodo quanto à gravidade desse problema social, associada ao desejo de refletir sobre a maneira generalizada, preconcebida e exterior com que é abordada a questão, resultando na produção de enunciados viciados a respeito dessas pessoas e de sua condição, resultou no desejo de tentar contar, ou fazer-se contar, a história dessas casas e de seus moradores. Nesse sentido, tendo em mente que a universidade deve atuar como formadora de profissionais críticos, éticos e atentos às questões sociais, pensamos em integrar a provocação à discussão (imagética e narrativa) dessa questão na formação dos alunos promovida por algumas disciplinas dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda do IPA. Com isso, provocamos nos alunos a reflexão sobre a relação e o comprometimento entre comunicação e cidadania, propondo o engajamento entre os processos comunicacionais abordados pelas disciplinas para desvelar e abordar uma questão social e refletir sobre a própria ação em relação à questão.

A ideia foi então um projeto de ação interdisciplinar e transmidiático, que promoveu o engajamento e interação entre alunos e conteúdos das disciplinas de Fotojornalismo, Fotografia, Fotografia Publicitária, Direção de Arte I, Projeto Interdisciplinar, Redação Jornalística II, Marketing Digital e Conexões Midiáticas, Planejamento Gráfico Editorial e Projeto Experimental II. O trabalho do professor orientador e dos alunos esteve diretamente relacionando à interação que foi estabelecido com os moradores das casas, através das abordagens, para serem convidados a atuarem como narradores de suas próprias histórias por meio de entrevistas – produção textual, por meio da produção de imagens (fotografias e vídeos) com a utilização de celulares e câmeras HD SLR, a respeito de seu cotidiano – e como colaborador protagonista decorrentes das ações e produções: criamos vários produtos, tais como uma websérie⁴, uma exposição fotográfica⁵, documentário, site⁶, blog⁷, a revista eletrônica In Box⁸, imprensa⁹, redes sociais, produção de adesivos, carimbos, cartões postais, etc.

O projeto foi pensado então como um trabalho imersivo narrativo, com profundidade, apurando os fatos e histórias com tratamento e linguagem documental. A intenção principal e norteadora desse projeto foi permitir e instigar os moradores das casas sem CEP a serem enunciadores da sua própria história, cabendo aos agentes do projeto o papel de mediadores nas produções. Os conteúdos gerados pelo trabalho de campo foram utilizados para a efetivação das produções propostas pelo projeto, que teve como meta promover a discussão do problema habitacional, mas, sobretudo, a reflexão do tema e a importância na formação de profissionais da comunicação comprometidos com a ética, cidadania e preocupação social, tendo em mente que a universidade deve atuar como formadora de profissionais críticos e atentos às questões sociais.

Com relação à interdisciplinaridade do projeto, tal proposição promoveu a integração entre o fazer comunicacional e a cidadania de maneira transversal, uma vez que o projeto se expandiu em diferentes disciplinas, e na forma transmidiática, sendo abordado por diferentes perspectivas em diferentes mídias, canais e ferramentas. Ao trazermos a questão como um problema a ser abordado por meio das aptidões

⁴ Os episódios da websérie está em <https://www.youtube.com/user/labtvipa/videos>

⁵ As imagens da exposição Fotográfica está em <http://ipametodista.edu.br/noticias/projeto-a-casa-sem-cep-e-lancado-por-alunos-no-ipa>

⁶ Site: <https://www.acasasemcep.com>

⁷ Blog: <https://acasasemcep904024010.wordpress.com/>

⁸ A revista eletrônica In Box está em https://issuu.com/multiversoipa/docs/inbox_

⁹ Divulgação: <http://multiversoipa.metodistasul.edu.br/multiverso/projetos/a-casa-sem-cep>

constitutivas dos conteúdos programáticos das disciplinas envolvidas acreditamos promover uma vivência mais plena da futura atuação profissional.

Além disso, ao problematizar a hipervisibilidade desarticulada de representatividade, provocamos a reflexão sobre o poder enunciativo dos meios de comunicação e as responsabilidades (sociais, políticas, comportamentais e culturais) daqueles que produzem esses enunciados. Assim, para além de instigar os alunos à atuação profissional consciente e ética em relação a sua condição de enunciativos dos outros, instigamos a tornarem-se mediadores de enunciados, capazes de escutar o outro de maneira ética e sem preconceitos, e assim capazes de dar espaço a manifestação e representatividade das alteridades – algo tão difícil na contemporaneidade. Nesse sentido, promovemos a atuação dos alunos como formadores responsáveis em compreender e auxiliar os sujeitos.

Tal proposição promoveu a integração entre o fazer comunicacional e a cidadania de maneira transversal, uma vez que o projeto se expandiu em diferentes disciplinas e plataformas midiáticas, sendo abordado de maneira transmidiática e interdisciplinar.



Imagens 1 e 2: Logomarca do projeto e a casa sem CEP do seu Loreni, na praça Isabel a Católica.
Foto: Alex Ramirez.

A problemática enunciada pelo projeto foi pensada e discutida inicialmente entre os alunos da disciplina de Fotojornalismo, onde foi proposto como produção do projeto final da disciplina no segundo semestre de 2018. Ao avançarmos na questão, entendendo a relevância do tema, propomos o desafio de executarmos um projeto com tema único, onde cada aluno explorasse a história de um morador em situação de rua próximo da sua casa. Ao longo da execução do projeto, fomos criando demandas e percebendo que outras disciplinas dos cursos de comunicação poderiam atender e solucionar as demandas que surgiram no processo de trabalho como a produção textual, a criação do roteiro de

entrevistas, a criação de logotipo e logomarca, criação de materiais gráficos, a produção do blog e da revista eletrônica, a produção e gerenciamento dos conteúdos nas redes sociais, além da organização da exposição e do evento de lançamento com mostra dos episódios da websérie, evento que ocorreu no dia 06 de dezembro de 2018, no IPA. E, nesse processo, além dos 30 alunos que participaram ativamente e dos 8 professores, técnicos e estagiários do Multiverso - agência de comunicação integrada do IPA, tiveram papel relevante no apoio e na divulgação do projeto.

Como metodologia do projeto com sua proposta interdisciplinar, a proposta foi apresentada aos alunos e professores dos cursos de comunicação, com algumas proposições de abordagens, mas sempre dando espaço para que os alunos também articulassem e propusessem abordagens imagéticas (fotografias, vídeos, edição, estética), e suas formas de articulação e abordagem, inclusive escolhendo os moradores conforme interesse, tais como localização, proximidade, estética, etc.

Sobre os métodos e passos do projeto:

Apresentação do projeto e discussões através de aulas expositivas e dialogadas com a utilização de recursos multimidiáticos;

- Organização dos grupos de trabalho nas disciplinas (duplas);
- Orientação para a pesquisa do tema;
- Divisão das tarefas para cada disciplina participante do projeto;
- Cartografia: mapeamento dos moradores na cidade e visitas para contato e agendamento para as captações de vídeo, entrevistas e obtenções fotográficas;
- Saídas de campo – para pesquisa, entrevistas e captação de imagens;
- Orientação técnica para a captação e edição de imagens;
- Mediação no trabalho de formação – realizado pelos alunos junto aos sujeitos do projeto;
- Orientação para a finalização – seleção, decupagem, edição, editoração, montagem e finalização;
- Visita de dois profissionais do fotojornalismo e do cinema para discussão sobre o processo de trabalho, decupagem e estética da edição.
- Gerenciamento do conteúdo produzido e divulgação do andamento e processo de trabalho por meio das redes sociais;

- Produção do evento de lançamento com apresentação dos episódios da websérie, exposição fotográfica e cartões postais. Debate público com os alunos, professores e participantes do projeto.



Imagens 3,4 e 5: A casa sem CEP do seu Loreni, na praça Isabel a Católica, Cidade Baixa.
Fotos: Marco Antônio Mofreira e Martha Schoen Dias.

Após a escolha do tema, o processo se iniciou com a divisão do grupo de alunos em duplas e foram determinadas as tarefas que cada dupla deveria cumprir no processo, assim como a pesquisa dos dados sobre o problema. Foi constatado que houve um aumento considerável e preocupante do número de moradores de rua, em um curto espaço de tempo. A percepção de transeuntes e habitantes de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, de que o número de pessoas em situação de rua vem aumentando drasticamente é corroborada por informações veiculadas pelos principais meios de comunicação da região. Conforme noticiado em pautas sobre o assunto, credenciadas por informações fornecidas pela Prefeitura, já chega a cerca de 4.000 o número de pessoas em situação de rua na capital. E, ainda de acordo com informações da Prefeitura, 50% dessas pessoas estão nas ruas da cidade há mais de cinco anos¹⁰. Mas se compararmos o número atual, informado pelos órgãos públicos da cidade, ao número de pessoas na mesma situação constatado em dezembro de 2016, 2.115¹¹ – percebemos que essa população quase duplicou em apenas dois anos. Tal condição revela o crescimento exponencial do problema, uma vez que o número de 2008, 1.203 pessoas em condição de rua na capital gaúcha levou oito anos para quase duplicar. Essa constatação, levou-nos realmente a querer discutir essa problemática, assim como produzir a web série e as

¹⁰ Fonte: Cerca de 4 mil pessoas vivem nas ruas de Porto Alegre. 03/05/2018. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/jornal-do-almoco/videos/t/edicoes/v/cerca-de-4-mil-pessoas-vivem-nas-ruas-de-porto-alegre/6708718/>

¹¹ Dados obtidos por uma pesquisa realizada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que foi acompanhada pela Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC). Cadastro e Mundo da População em Situação de Rua de Porto Alegre/RS – 2016. Disponível em: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/fasc/default.php?reg=41&p_secao=120

fotografias a fim de chamar a atenção para o problema e a falta de projetos de estado e de governo. O projeto tem um papel político que cabe diante do enorme problema que vivem essas pessoas. Contar suas histórias foi a nossa arma.

Conforme levantamento atual da prefeitura da capital, informado aos meios de comunicação, apenas 5% das pessoas em situação de rua na cidade permanecem assim por vontade própria. E elencam-se como fatores que levam à condição de rua: o problema com drogas (50%), a perda dos vínculos familiares (45%), e problemas de saúde mental (5%)¹². Mas é importante destacar que o Relatório Final do Estudo Quanti-qualitativos da População em Situação de Rua de Porto Alegre chama a atenção para a preponderância das relações familiares nas motivações para a rualização:

Se considerarmos que as “separações e decepções amorosas”, os “maus tratos na família”, “não se sentir bem com a família”, a “morte de algum familiar”, o “envolvimento da família com o tráfico de drogas” e o “uso de drogas ou o alcoolismo na família de origem” são situações que envolvem pessoas próximas e/ou do núcleo familiar de origem, verificamos que 32,5% das motivações explicitadas pelos entrevistados para terem ido para a rua envolveram questões e conflitos familiares. (RELATÓRIO, 2016).

A urgência da situação das pessoas em situação de rua e a visibilidade midiática do problema levaram a Prefeitura de Porto Alegre a lançar, em maio de 2018, o Plano Municipal de Superação da Situação de Rua, para o qual convergem as ações da FASC (Fundação de Assistência Social e Cidadania) e das secretarias da Saúde e de Desenvolvimento Social e Esporte, que teve por objetivo alocar entre 50 e 70 pessoas até o final de 2018, consideradas em condições adiantadas de socialização, aqueles que, por exemplo, não apresentavam problemas de dependência química. No início de agosto de 2018, na contramão do que vinha sendo anunciado pelas ações do plano, a Brigada Militar de Porto Alegre realizou a dispersão de várias pessoas em situação de rua que habitavam sob as bases do viaduto Otávio Rocha, na avenida Borges de Medeiros. Para muitas pessoas, o que aconteceu ali foi uma ação de higienização. Essas questões foram decisivas para que o grupo de alunos tomassem uma posição a fim de colaborar no enfrentamento desse grave problema social.

¹² Fonte: Moradores de rua retirados do viaduto Otávio Rocha dormem na Praça da Matriz. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/Noticias/Geral/2018/8/658277/Moradores-retirados-do-viaduto-Otavio-Rocha-dormem-na-Praca-da-Matriz>

Para dar início às atividades do projeto foi importante a realização de uma cartografia para localizar essas casas sem CEP em Porto Alegre. Conforme os dados levantados em pesquisa realizada em 2016, os bairros com a maior incidência de pessoas em situação de rua na capital eram à época: Centro Histórico, Cidade Baixa e Floresta.

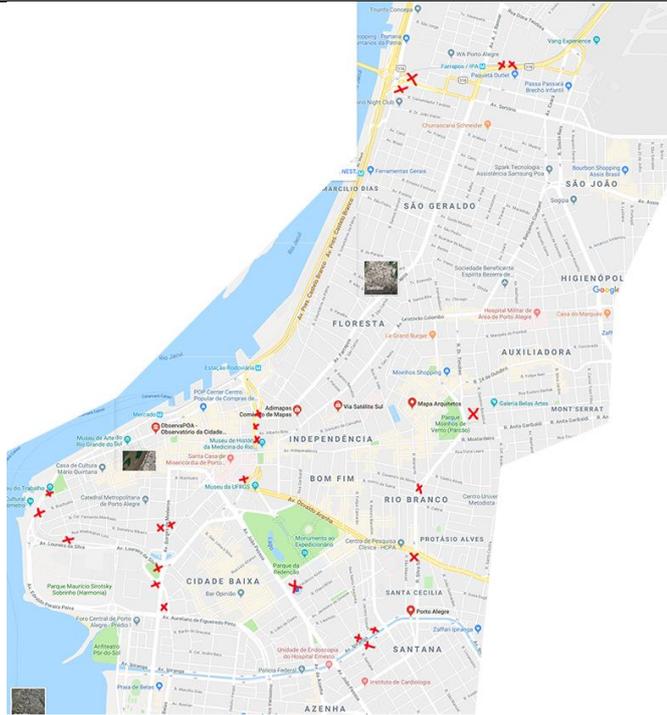
Para tanto, tomamos como ponto de partida a definição de Cartografia apresentada no glossário do IBGE:

Conjunto de estudos e operações científicas, técnicas e artísticas que, tendo por base o resultado de observações diretas ou da análise da documentação, se voltam para a elaboração de mapas, cartas e outras formas de expressão e representação de objetos, fenômenos e ambientes físicos e socioeconômicos, bem como sua utilização. (IBGE, sd)

Entendemos que o trabalho começa justamente pelo diagnóstico, registro e mapeamento da presença dessas casas na paisagem urbana de Porto Alegre. Na sequência, nos deparamos com o mapeamento dos moradores, para localizá-los e iniciarmos as abordagens. E, feita a cartografia, ao localizarmos os nossos protagonistas, parte-se para a aproximação e contato efetivo com os moradores das casas sem CEP, visitando-os e fazendo as devidas abordagens para em seguida agendarmos as gravações, fotos e entrevistas. Para esse processo, inspiramo-nos na ação cartográfica realizada para o projeto de criação da cartilha, que

[...] integra perspectivas, olhares, paisagens de vida, buscando, dessa forma, mapear com respeito e competência as diversas camadas de significações apresentadas pela rua. Em um primeiro momento, a escuta é mais geral, é em verdade a construção de um olhar abrangente do território – a cartografia – dizendo respeito ao território de forma mais ampla. Em um segundo momento, constrói-se o diagnóstico e a escuta é feita diretamente com as pessoas que compõem o público-alvo, a partir da formação de vínculo e de uma relação de cuidado. O diagnóstico, elaborado através da cartografia, levanta e constrói, nessa relação, as demandas desse público e com esse público.

Para além da realização de um mapa (colaborativo) efêmero, que marca a presença mesmo que temporária dessas casas na geografia da cidade, o objetivo da cartografia era desvelar, interrogar e dar representatividade a essas construções.



Imagens 6: Mapeamento da localização e identificação dos moradores de rua de Porto Alegre, no momento da execução do projeto, até dezembro de 2018.

Fonte: Imagem especialmente criada para o projeto A Casa Sem CEP.

A casa

A escolha do tema a casa justifica-se a partir da percepção da hipervisibilização do problema nos meios de comunicação, além de que há muito preconceito em relação ao morador em situação de rua, preconceito que o coloca em uma situação de marginalização na sociedade. Outra percepção, e também decisiva, foi o de procurar compreender como construíam suas casas, com os mais variados materiais achados na rua, e que imaginário construtivo era esse. Pensar sobre a condição que vivem esses indivíduos é interrogar também a forma como são reconhecidos pelas sociedades em que habitam. O termo inglês para designar as pessoas em situação de rua – *homeless* (sem casa/sem lar), bem como o termo em espanhol *sin hogar* (sem casa/sem lar) denunciam a estreita relação entre a condição de marginalidade social desses indivíduos e falta de uma casa, de um lar. O termo revela a importância do espaço da casa/do lar como referência para a constituição das identidades desses indivíduos. De maneira semelhante temos no Brasil a expressão sem teto, também usada em alguns países de fala hispânica – *sin techo*, que concentra a importância da casa na ideia de um teto como proteção. Nesse sentido, o contrário de morar em uma casa, de possuir um lar, é viver na rua – assim sendo, esses indivíduos foram, durante muito tempo, nomeados moradores de rua. No entanto, a assertiva da

expressão que instaurava discursivamente uma condição de ser foi substituída pela ideia de estar – pessoa em situação de rua, que designa ser essa uma condição circunstancial, transitória, passível de mudança.

Na tentativa de nomear ou de definir esses indivíduos que estão na rua é recorrente a ideia da falta de uma moradia, de um lugar a ser reconhecido como lar. Nesse sentido, tentamos trabalhar e abordar a situação daqueles indivíduos, que apesar de não possuírem um endereço fixo, ocupam de forma provisória ou se instalam de maneira duradoura em espaços públicos construindo espaços de moradia, de afeto e de convívio social, que eles constituem como casas.



Imagens 7: A casa sem CEP do Cleiton e Bruna, localizada na avenida Goethe.
Foto: Douglas Weber e Bruno Dornelles.



Imagens 8: A casa sem CEP do Douglas, localizada nas proximidades da avenida Alberto Bins.
Fotos: Rafaela Santos e Lara Herschdorfer.



Imagens 9: A casa sem CEP da Linda, localizada embaixo do viaduto da Conceição.
Foto: Alex Ramirez.



Imagens 10 e 11: A casa sem CEP do Jorge e Josiane, localizada embaixo do viaduto da Ponte do Guaíba.
Fotos: Alex Ramirez.



Imagens 12 e 13: A casa sem CEP do Luciandro, localizada nas proximidades do Túnel da Conceição.
Fotos: Vinicius Domingues e Lucas Marsiglia.



Imagens 14, 15 e 16: A casa sem CEP do Jefferson e do Maximiliano, localizadas na avenida Farrapos, nas proximidades da estação Farrapos do Trensurb.

Fotos: Alex Ramirez, Pedro Barroso e Rodrigo Matiotti.

Para Bachelard (1993), todo o espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa:

A casa é uma das maiores forças de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. Nessa integração, o princípio de ligação é o devaneio. (...) Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser “jogado no mundo” (...) O homem é colocado no berço da casa (BACHELARD, 1993, p.26).

Pensando na configuração arquitetônica da casa, são três os elementos que a conformam: espaço, pessoas e objetos.



Imagens 17 e 18: A casa de Cleiton e Bruna, contemplada no programa social da Prefeitura de Porto Alegre “Aluguel Social”, localizada na Vila Cruzeiro.
Fotos: Douglas Weber.

Conclusão

O processo de produção nesses quatro meses (de agosto à dezembro de 2018) teve vários entraves em função de algumas situações como a inexperiência dos alunos por não participarem de projetos práticos mais densos, o qual exigiu um envolvimento de tempo além das horas das aulas, visitas e produção nos finais de semanas, horas de decupagem, edição e montagem dos episódios. Visitamos alguns moradores mais de uma vez para acompanhar e vivenciar a fim de estabelecermos uma maior interação com os moradores. Inclusive, a maioria deles foi retirada dos seus locais e as casas não existem mais. A retirada deles era um dos receios que tínhamos durante o processo, pois a prefeitura da capital estava retirando os moradores e destruindo as casas, fazendo com que eles voltassem a andar pelas ruas e se estabelecerem em outros lugares.

Tecnicamente, em termos de fotografia e vídeo, alguns alunos tinham mais experiência, porém todos tinham o conhecimento básico da técnica e linguagem fotográfica. Entretanto, não houve resistência em relação ao tema, a metodologia e ao tipo de projeto que foi proposto a eles.



Imagens 19 e 20: retratos dos moradores Linda e Loreni.
Fotos: Alex Ramirez.



Imagens 21 e 22: retratos dos moradores Jefferson e Maximiliano.
Fotos: Alex Ramirez.

Como contrapartida, o projeto buscou instaurar uma perspectiva discursiva reversa, instigando os moradores das casas a participarem do projeto também como enunciadores da própria história, com o intuito de promover uma representatividade efetiva que rompesse com o papel de objetos do olhar, geralmente direcionado a esses sujeitos. Para além da promoção de representatividade discursiva e imagética, os alunos envolvidos no projeto tomaram a iniciativa de propor uma ação de assistência centrada em uma campanha de arrecadação de alimentos, roupas, produtos de higiene pessoal, utensílios de casa e comida para os cachorros. Tal campanha foi realizada com base de arrecadação na própria instituição, sendo a distribuição realizada pelos alunos em suas visitas aos moradores participantes.

Como resultados, além da produção da websérie e das imagens fotográficas que culminaram em uma exposição, da publicação de um revista eletrônica e dos cartões postais, só para citar os mais importantes, o projeto sensibilizou todos os participantes, cujos depoimentos ao final foram emocionantes e repletos de um desejo de mudança dessas questões sociais.

Produtos criados



Imagens 23, 24 e 25: Imagens da revista eletrônica In Box lançada no projeto. Fotos: Multiverso.



Imagens 26, 27, 28, 29, 30, 31 e 32: Blog, cartões postais, bóton, adesivos e carimbos.
Fotos: Multiverso.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

MOLETTA, A. **Criação de curta-metragem em vídeo digital: uma proposta para produções de baixo custo**. São Paulo: Summus, 2009.

PUCCINI, S. **Roteiro de Documentário: da pré-produção à pós-produção**. Campinas: Papirus, 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. **Estudos quanti-qualitativos população em situação de rua de porto alegre**. 2016. Disponível em: [http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/fasc/usu_doc/relatorio_adultos_final_rev_izado_18_mar_\(1\).docx](http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/fasc/usu_doc/relatorio_adultos_final_rev_izado_18_mar_(1).docx) Acessado em: 09 set. 2018.